

**IN TERRA PAX HOMINIBUS BONAE VOLUNTATIS:  
CULTURA DE PAZ HOJE**

**“On earth peace, good will toward men”:  
Culture of peace today**

**Felipe Curcio Ferreira Silva<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Coordenador e Professor do Curso de Teologia, Rua do Rosário – Vila Camargos, Guarulhos – SP,  
felipe.silva@unifaveni.com.br

## INTRODUÇÃO

‘Paz na terra aos seres humanos de boa vontade’ (cf. Lc 2, 8-20) a partir do horizonte – cultura de paz hoje é um estudo que visa promover o conceito e a práxis da *FriedensKultur*,<sup>1</sup> cultura de paz no mundo à luz da Palavra de Deus e da Teologia. Buscando amenizar conflitos humanos dos mais diversos. O presente resumo foi desenvolvido dentro do background - pano de fundo de buscar ser resposta para o problema do planeta e da humanidade frente às urgências de época e a expressão global que isso ocupa.

O *Gloria in excelsis Deo* assim chamado pela liturgia cristã clássica, emoldura a proposta temática do presente trabalho e é extraído de um dos Evangelhos sinóticos, a saber, Evangelho de Lucas. *Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus bonae voluntatis* - “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos seres humanos de boa vontade” (Lc 2, 14) é, portanto, o recorte temático a que se propõe a presente síntese.

O Glória a Deus nas alturas, é um antiquíssimo hino utilizado na liturgia cristã. Juntamente com o *Magnificat*, o *Benedictus* e o *Nunc dimittis*, e diversos outros cânticos do Novo Testamento, o *Glória* foi incluído no Livro de Odes, uma antiga coletânea litúrgica encontrada em alguns manuscritos da Septuaginta (LXX).

Um grande coral angelical entoou um cântico de louvor a Deus. As primeiras palavras deste pequeno hino ficaram registradas em latim na Vulgata do seguinte modo: *Gloria in excelsis Deo!*

Os anjos exaltam a majestade de Deus em todo o universo, nos céus, onde Deus habita (cf. Mt 6, 9). O mundo da época vivia sob a *Pax romana*, uma paz exterior e temporária, imposta por um imperador humano. Os anjos anunciam a “Paz de Deus”, eterna e absoluta, garantida a todos quantos se *agradam* (recebem com gratidão, sinceridade e lealdade) a graça de Deus (Lucas usa a palavra “agrado” em vários momentos: cf. Lc 3, 22; Paulo usa ‘um ato de fé’ (cf. Rm 5, 1). O Messias davídico era chamado de “Príncipe da Paz” (cf. Is 9, 6). De outro lado, embora Cristo tenha prometido essa Paz aos seus discípulos (cf. Jo 14, 27). Ele deixou bem explícito que haveria lutas, aflições, tensões e conflitos (cf. Mt 10, 34-36; Lc 12, 49; Jo 15, 33).

Como contributo científico-teológico, apresentaremos dois autores de peso e envergadura acadêmica no cenário atual, a saber, Walmor Oliveira de Azevedo e o teólogo alemão Joseph Ratzinger. Tais teologias visitadas emolduram, elucidam e trazem um olhar crítico-reflexivo bastante pertinentes para a questão que o presente resumo investiga e alerta às

<sup>1</sup> Expressão originária em alemão do conceito e estudo sobre a cultura de paz hoje.

gerações futuras sobre a importância da promoção de uma sociedade mais pacífica dentro de um panorama pragmático.

## MATERIAL E MÉTODOS

Obras literário-teológicas que releem a problematização da cultura de paz hoje e os conflitos humanos. A Escritura como pilar teológico apresenta perícopes específicas que dão base ao tema proposto, e emolduram as reflexões construídas a partir desse universo.

Usa-se para a construção do presente resumo, uma releitura hermenêutica dos textos bíblicos e demais autores afins. A Atualização da mensagem kerigmática e a Práxis Cristã são os pontos-chave da presente busca.

Propomos um diálogo teológico através de três literaturas mais relevantes para o cenário contemporâneo, a saber, *Ética em Diálogo*<sup>2</sup>, de Walmor Oliveira de Azevedo; *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*, de Joseph Ratzinger<sup>3</sup>; e *Luz do mundo: o Papa, a igreja e os sinais dos tempos – uma entrevista com Peter Seewald*<sup>4</sup>, também de Bento XVI.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Joachim Gnilka faz notar, sobretudo, a ligação dessa atitude com o núcleo da mensagem de Jesus: “É altamente improvável que os crentes em Cristo residentes em Jerusalém tenham participado na guerra. O cristianismo palestino transmitiu o discurso da montanha. Por conseguinte, eles devem ter conhecido os mandamentos de Jesus sobre o amor aos inimigos e a renúncia à violência. Além disso, sabemos que não tomaram parte na revolta desencadeada nos tempos do imperador Adriano” (*Nazarener*, p. 69) (RATZINGER, 2011).

Absolutamente insuportável é a concepção de paz que admite o aniquilamento do inimigo, físico ou moral, com o uso de diferentes armas, gerando sistemas destrutivos, comprometendo a vida no mundo. Embora se reconheça a importância de compreender a paz no seu aspecto político e diplomático, não basta enaltecer as cúpulas em seus idealismos de entendimentos e diálogos; é preciso levar em conta a base, as exigências comuns que a todos (as) têm de envolver na cultura da paz (AZEVEDO, 2012).

Alexander Mittelstaedt observa o "não" dos cristãos à interpretação zelota da mensagem bíblica e da figura de Jesus: a sua esperança é de outra natureza (RATZINGER, 2011).

A paz teologal ganhou especialidade em razão do coração que a pronunciou, enquanto nascedouro insubstituível e inesgotável da verdadeira paz. Foi Cristo Jesus quem assim saudou seus discípulos, reunidos a portas fechadas, por medo (AZEVEDO, 2012).

O mesmo modo que, ontem e hoje, emoldura, explica e nomeia as covardias de tantos que comprometem a verdade; as conveniências de muitos que lutam para garantir seus privilégios e benesses; o autoritarismo que entrava, com impedimentos radicais, as mudanças que cada tempo põe como exigências; as sonegações de todo tipo, em dados, informações ou compromissos, para não deixar entrar a quem e o que deve (AZEVEDO, 2012).

<sup>2</sup> WALMOR, Oliveira de Azevedo. *Ética em Diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2012.

<sup>3</sup> RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. Planeta: São Paulo, 2011.

<sup>4</sup> RATZINGER, Joseph. *Luz do mundo: o Papa, a Igreja e os sinais dos tempos: uma conversa com Peter Seewald*. São Paulo: Paulinas, 2011.

Essa saudação trouxe e garantiu uma mudança radical na práxis dos amedrontados, sujeitos, por isso, à mentira, e emocionalmente localizados na sombra que impede a compreensão, capaz de libertar de leituras comprometidas dos fatos (AZEVEDO, 2012).

A paz jesuânica inaugurou uma ponte entre o coração de Deus e o coração de cada discípulo seu. A consequência imediata é a audácia na busca da verdade, a liberdade de estar nos lugares e por eles passar, como simples servidores, com a capacidade amorosa de se compreender e encontrar o seu próprio sentido de ser na oferta de si. Por isso, todos os que escutam essa saudação se tornam os verdadeiros promotores da paz, a razão de sua mais desejável bem-aventurança (AZEVEDO, 2012).

Não há, pois, outra referência para a discussão e adequada compreensão das múltiplas, e até divergentes, compreensões da paz, bem como os modos de sua defesa, promoção e conquista. Assim é que permanece o desafio de compreender a paz para além do simples fato da inexistência ou da trégua de guerras. Menor não é o desafio da superação de um pacifismo que, justificado por um tipo de irenismo, compreende a paz como simples garantia do bem-estar de um grupo, de um povo ou de uma pessoa (AZEVEDO, 2012).

Figura 1: Cultura de paz.



Fonte: Evangelische Kirche in Deutschland – EKD, 2022.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente resumo buscou reler a teologia de paz presente na perícopa lucana, a saber, Lc 2, 14 a partir do horizonte – cultura de paz hoje. Esse estudo visou promover o conceito e a práxis da *FriedensKultur* - cultura de paz no mundo à luz da Palavra de Deus e da Teologia. Buscando amenizar conflitos humanos dos mais diversos. O presente resumo foi desenvolvido dentro do background - pano de fundo que buscou ser resposta para o problema da humanidade e do planeta frente às urgências de época e a expressão global que isso ocupa.

No entanto, assim que ouvirem notícias sobre guerras e rumores de guerras, não vos assusteis; é necessário que assim ocorra, contudo, ainda não é o fim.

Porquanto nação se levantará contra nação, e reino contra reino. Sucederão terremotos em vários lugares e muita fome por toda parte. Esses acontecimentos são o início das dores! (Mc 13, 7-8)

A paz teológica sustenta-se, no coração de Deus, em muitos pilares que propiciam as condições para sua consecução eficaz e efetiva. A garantia vem de lá. Aliás, é graça de Deus. A vivência e a efetivação da paz dependem dos seus promotores. Na lista desses não pode faltar o nome de ninguém. É a única possibilidade de nascer uma verdadeira *cultura da paz*.

É preciso aliar o compromisso de uma contundente recomendação apostólica: "Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal pelo bem" (Rm 12, 21). Sustentados por esses dois pilares da compreensão da paz, serão evitados os comprometimentos que interpretações, conveniências e mentalidades tacanhas sempre operam, efetivando descabros institucionais e inconveniências pessoais. Provar-se-á, de verdade, o agradável sabor do que significa: "*Paz na terra aos seres humanos de boa vontade*".

## AGRADECIMENTOS

A Deus que é Paz e mesmo em tempos tão conflituosos que vivemos, nos permite comunicar as verdades bíblico-teológicas neste pequeno resumo.

A minha esposa, por ser minha base e testemunha. Pelas orações e auxílio.

A UNIFAVENI pela oportunidade de escrever, publicar e compartilhar da pesquisa recente com toda a comunidade acadêmica e público-alvo.

*Deixo-vos a paz; a minha paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá. Não permitais que vosso coração se preocupe, nem vos deixeis amedrontar (CRISTO).*

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Walmor Oliveira de. **Ética em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

*In Bíblia*: Evangelho de Lucas 2, 8-20|Sobre o clássico hino cristão *Gloria in excelsis Deo*.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

RATZINGER, Joseph. **Luz do mundo: o Papa, a Igreja e os sinais dos tempos: uma conversa com Peter Seewald**. São Paulo: Paulinas, 2011.